

A possibilidade do esgotamento do giro linguístico

Ivanaldo Santos¹

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar a possibilidade de, no início do século XXI, estar ocorrendo o esgotamento do giro linguístico. Para alcançar esse objetivo, o artigo foi dividido em duas partes: Definindo o giro linguístico e O giro linguístico como ciência normal. Por fim, afirma-se que a possibilidade que foi levantada no artigo, ou seja, do esgotamento do giro linguístico, é um tema que precisa ser estudado e investigado, de forma mais acurada, pela comunidade filosófica.

Palavras Chave: Filosofia e Linguagem. Giro Linguístico. Ciência normal.

Abstract: This article aims presenting the possibility of in the beginning of the century XXI to happen the exhaustion of the linguistic turn. In order to reach this goal, this article was divided in two parts: Defining the linguistic turn and The linguistic turn as normal science. Finally, it is argued that the exhaustion of the linguistic turn is a theme that needs to be studied and investigated more accurately by the philosophical community.

Keywords: Linguistic Turn. Philosophy and Language. Normal Science.

Introdução

Uma marca da filosofia no século XX foram os grandes debates em torno de temas como o conhecimento, a liberdade e a ciência. Por sua vez, esses temas culminaram na organização de círculos e/ou escolas de pensamento. Entre essas escolas é possível citar, por exemplo, a fenomenologia, o existencialismo, o neopositivismo, a neoescolástica e o neomarxismo. Além disso, houve debates que, não exatamente, geraram uma organização de filósofos, por meio de círculos e de escolas de reflexão. Para usar uma palavra que está *na moda* dentro das ciências humanas, são círculos transversais. A palavra *transversal* deve ser entendida como uma discussão que atravessou vários segmentos e escolas da filosofia no século XX. Entre esses temas transversais da filosofia é possível identificar: o niilismo, o debate sobre a morte ou o fim da filosofia, e a discussão em torno da possibilidade de haver um saber pós-metafísico, pós-filosófico e pós-ocidental.

Dentro de todo esse rico e complexo emaranhado de temas e debates filosóficos, há um debate que ganhou grande destaque no final do século XIX e durante todo o transcurso do século XX. Esse debate é sobre a linguagem. A linguagem foi um tema que conseguiu mobilizar os melhores esforços de filósofos isolados e até mesmo de escolas e círculos inteiros de pensadores. Como esclarece Georges Mounin² a linguagem foi um problema que, de alguma forma, “atravessou as doutrinas do século XX”. Sobre essa questão, Maurice Leroy³ afirma que o “século XX foi um século promissor no desenvolvimento de escolas, círculos e outros agrupamentos de pesquisadores que se dedicaram ao estudo da linguagem”. Entre esses agrupamentos é possível citar, por exemplo, o Círculo Linguístico de Praga, o Círculo Linguístico de Moscou, o Círculo de Leningrado, também conhecido como Círculo de Bakhtin, o Círculo Linguístico de Viena, o Círculo de Cracóvia, o Círculo de Oxford, a Escola de Copenhague e a Escola de Genebra.

¹ Graduado em Filosofia, com pós-doutorado em estudos da linguagem pela Feusp, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² MOUNIN, G. *A linguística do século XX*. Lisboa: Presença, 1973, p. 7.

³ LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 88.

Parafrazeando Michel Foucault⁴, quando fala do centro e do interesse investigativo das ciências humanas, é possível dizer que, no século XX, a linguagem se transformou no objeto a ser estudado. É por causa desse interesse que Josef Simon⁵ afirma que, dentro do debate sobre a morte, fracasso ou abandono da ontologia, a reflexão sobre a linguagem emergiu, no século XX, como sendo um debate fundamental, uma reflexão que, em grande medida, é de cunho ontológico e, por causa disso, vem, de alguma maneira, substituir a ontologia clássica e ajudar a estabelecer uma proposta para uma nova ontologia.

Todo esse gigantesco interesse em torno da linguagem pode ser sintetizado na expressão *giro linguístico*, ou seja, o momento histórico em que a linguagem deixou de ser a periferia e passou a ser o centro das discussões filosóficas. Esse *giro da linguagem* pode ser sintetizado na seguinte frase: “a filosofia deve restringir sua tarefa a clarear a linguagem. Existem tantas filosofias e tantos filósofos por causa da falta de clareza no uso da linguagem”⁶.

Nesta segunda década do século XXI, enfrentamos questões como a revisão e análise crítica do pensamento produzido no século XX, a tentativa de retomar problemas clássicos da filosofia (Deus, realidade, política, Estado, liberdade, etc) e de encontrar novos e originais problemas. Vale salientar que o antagonismo entre o processo de retomar problemas anteriores e a busca de novos problemas é um dos fatores que fazem a filosofia crescer e, em certos aspectos, se aperfeiçoar.

Por causa disso, é possível vislumbrar que no século XXI haverá a constituição de novos problemas e de novos *giros* filosóficos que possam conduzir a reflexão, de um lado, a deixar um pouco de lado ou até mesmo a abandonar a pesquisa em torno da linguagem, e, de outro lado, haver a retomada de alguns problemas clássicos.

No século XXI pode haver, por exemplo, uma revisão crítica da negação radical da metafísica e, por conseguinte, da ontologia. Vale recordar que essa negação foi um dos eixos temáticos da reflexão filosófica no século XX. Essa revisão seria o que Sílvio Sanches Gamboa⁷ denomina de *reação ao giro linguístico*. Uma reação que traz em seu interior, entre outras coisas, uma possível *virada metafísica*⁸.

Sobre a possibilidade de haver uma reação ao giro linguístico, Benjamin Noys⁹ esclarece que tanto na tradição continental quanto na analítica, convencionou-se chamar o traço marcante da filosofia no século XX como o *giro ou virada linguística*. Preparada desde o século XVIII pelo impulso crítico que progressivamente alçou a questão do acesso humano ao mundo à condição de problema filosófico primeiro, esta virada, contudo, acabou conduzindo a impasses tanto internos quanto externos. Impasses representados por questões como: até que ponto é possível aceitar a pretensão de fazer uma filosofia inteiramente livre de pressupostos e compromissos ontológicos implícitos? Até que ponto a crítica não passa, hoje, por uma discussão desses pressupostos? Até que ponto pode-se aceitar o caráter paradoxalmente

⁴ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 476.

⁵ SIMON, J. *Filosofia da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 29.

⁶ ZILLES, U. Um panorama da filosofia contemporânea. In: *Cultura e Fé*, Porto Alegre, Ano, 35, n. 136, Abril-Junho, 2012, p. 134-135.

⁷ GAMBOA, S. S. Reações ao giro linguístico: o "giro ontológico" ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem. In: *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 15. E 2., 2007, Recife. Anais... Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

⁸ BENSUSAN, H. O mundo não é só uma paisagem de atualidades: umas viradas metafísicas e o exorcismo da herança humana. In: *Trilhas Filosóficas*, Ano II, número 1, jan.-jun. 2009, p. 115-128.

⁹ NOYS, B. A virada ontológica na filosofia contemporânea. Pucrs: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2011.

autárquico que esta virada, em suas versões extremas, concede à linguagem em relação ao ser? Como evitar, por um lado, a aproximação com um senso comum desprovido de autorreflexividade e, por outro, um construtivismo extremo que arrisca reduzir toda realidade material ao livre jogo do significante? Por causa disso, cresce na filosofia contemporânea uma tendência a considerar que a subordinação de toda e qualquer questão filosófica ao tema da relação entre o humano e o mundo não apenas nos faz girar em falso, como nos torna incapazes de dar respostas àquilo que, no presente, exige pensamento: a crise ecológica, o desaparecimento das fronteiras entre natureza e técnica, as diferentes dimensões políticas e culturais daquilo que se entende por *vida*, as questões levantadas pela biologia, pela neurociência ou pela física contemporânea. Saturados de um jogo de espelhos sem nada a refletir, estaremos prontos agora para uma virada ontológica em filosofia? Se esse giro realmente acontecer deverá não seguir fielmente os passos da metafísica tradicional e, com isso, não haverá um retorno à velha metafísica. Mas ele poderá guiar a reflexão filosófica para um novo processo de aprofundamento e ampliação da tarefa reflexiva assumida pela modernidade e, com isso, haver uma retomada, na sociedade contemporânea, das preocupações metafísicas e ontológicas. No entanto, essa retomada se dará a partir da estrutura filosófica e dos problemas socioculturais atuais.

Cabe perguntar: o giro linguístico está passando por uma crise de legitimidade? O giro linguístico está passando por um processo de esgotamento?

Essas são perguntas cruciais que um simples artigo não poderá responder. No entanto, são perguntas que merecem ser refletidas à luz do fazer filosófico e da tradição das ideias herdada do século XX. O objetivo desse artigo é modesto: apresentar a possibilidade do esgotamento do giro linguístico. Para alcançar esse objetivo, o artigo foi dividido em duas partes: Definindo o giro linguístico e O giro linguístico como ciência normal. Por fim, afirma-se que a possibilidade que foi levantada neste artigo, ou seja, do esgotamento do giro linguístico, é um tema que precisa ser estudado e investigado, de forma mais acurada, pela comunidade filosófica.

Definindo o giro linguístico

Dentro da discussão realizada é preciso conceituar a expressão *giro linguístico* (*linguistic turn*). É preciso esclarecer que a expressão *giro linguístico* ou *virada linguística* – vai depender da tradução e das variáveis que cada língua ou nação adota – já estava sendo utilizada desde mais ou menos a década de 1950 quando, em 1966, Richard Rorty reuniu em um volume um número significativo de importantes textos a respeito da filosofia da linguagem, com o título de *The linguistic turn* (O giro linguístico). A partir daí, a expressão ganhou popularidade. Na introdução desse livro, Richard Rorty dá uma definição do que é esse giro. Em suas palavras:

O propósito do presente volume é fornecer material de reflexão sobre a maior parte da revolução filosófica recente, a da filosofia linguística. Com a expressão “filosofia linguística”, estarei entendendo aqui uma visão de que os problemas filosóficos são problemas que poderiam ser resolvidos (ou dissolvidos) pela reforma da linguagem, ou por uma melhor compreensão da linguagem que usamos presentemente¹⁰.

Para Richard Rorty, o giro linguístico consiste na mais recente revolução teórica realizada pela filosofia. E a grande característica dessa revolução é que a

¹⁰ RORTY, R. *El giro linguístico*. Madri: Paidós, 1990, p. 3.

linguagem tornou-se o meio para resolver ou dissolver os problemas da própria tradição filosófica.

Segundo Ian Hacking¹¹ as origens mais remotas do giro linguístico devem ser buscadas nos séculos XVII e XVIII, quando filósofos, como, por exemplo, Descartes, Locke e Berkeley, em suas respectivas obras e sistemas de pensamento, apontaram a linguagem como sendo uma ferramenta que poderia possibilitar a solução de problemas filosóficos que, até aquele momento histórico, não tinham alcançado sua maturidade. Com relação ao giro linguístico, Manfredo Araújo Oliveira¹² esclarece:

A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação do que conhecemos, mas um elemento constitutivo de nosso conhecimento, de tal modo que todo nosso acesso ao mundo é linguisticamente mediado: a linguagem é condição irrecusável de todo acesso ao real, mediação necessária de todo sentido e de toda validade, e conseqüentemente todas as questões [...] podem ser resolvidas por meio de uma análise das estruturas da linguagem. Em suma, a pergunta pelo que existe ou pelo que se pode conhecer implica a pergunta pelo que se pode dizer, ou seja, não podemos falar do mundo a não ser por intermédio da linguagem, pois é em seu seio que os sujeitos têm acesso ao real. Todo acesso do ser humano ao mundo se faz via sentido, porque via linguagem.

Sobre esse mesmo assunto, Paul Ricoeur¹³ afirma que parece que há um “domínio sobre o qual se entrelaçam, hoje em dia, todas as pesquisas em filosofia: o da linguagem”. Por sua vez, Josef Simon¹⁴ afirma que na “atualidade, a linguagem é objeto de particular atenção dentro da filosofia”, ou seja, a linguagem é o objeto de estudo que guia as grandes pesquisas no campo filosófico. Já, para Inês Lacerda de Araújo¹⁵, o giro linguístico “veio para mostrar que há sentido no pensamento expresso em proposições e que estes afirmam, ou melhor, asseveram que algo é o caso. Seu significado ou referência é um valor de verdade”. É por este motivo que a produção do conhecimento no século XX se deu, em grande parte, na e pela linguagem.

Por tudo que foi exposto, afirma-se que desde o final do século XIX, mas principalmente durante o século XX, a linguagem tornou-se o centro das preocupações investigativas dentro da filosofia e em outras áreas que compõem as ciências humanas. Além disso, é necessário esclarecer que o giro linguístico foi construído e consolidado com as pesquisas realizadas por eminentes pensadores, como, por exemplo, Gottlob Frege, George Edward Moore, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein. Esses pensadores são a *geração de ouro* ou então a *geração de pioneiros* que, com suas pesquisas, trouxeram novos problemas e uma nova metodologia de abordagem filosófica.

O giro linguístico não se limitou apenas à filosofia. Ele atingiu grande parte das pesquisas feitas nas ciências humanas. Por exemplo, o giro linguístico influenciou o estruturalismo, de Saussure a Lévy-Strauss, a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer, a hermenêutica de Hans Georg Gadamer, a semiótica inspirada em Charles Sanders Peirce, a antropologia linguística, de Bronisław K. Malinowski a George Herbert Mead, o formalismo de Roman Jakobson e mais recentemente as

¹¹ HACKING, I. *Por que a linguagem interessa a filosofia?* São Paulo: Unesp, 1999, p. 162-168.

¹² OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 7-8.

¹³ RICOEUR, P. *Da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 15.

¹⁴ SIMON, J. *Filosofia da linguagem*, op. cit., p. 14.

¹⁵ ARAÚJO, I. L. A natureza do conhecimento após a virada linguístico-pragmática. In: *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 16, n. 18, p. 103-137, jan/jun. 2004, p. 107.

diversas correntes da análise do discurso, representadas por pensadores como Michel Foucault, Michel Pêcheux e Noam Fairclough.

A consolidação do giro linguístico se deu, em grande medida, entre as décadas de 1920 e 1950. Nessa época, se produziu uma grande variedade de livros que trouxeram, de forma revolucionária, uma nova abordagem sobre a linguagem. Entre esses livros estão, por exemplo, o *Tratado lógico-filosófico* de Ludwig Wittgenstein¹⁶, publicado originalmente em 1922, *Linguagem, verdade e lógica* de Alfred Jules Ayer¹⁷, publicado originalmente em 1936, *Ensaio de lógica-linguística* de Peter Frederick Strawson¹⁸, publicado originalmente em 1957, e as famosas conferências de Martin Heidegger¹⁹ sobre a linguagem, proferidas na década de 1950 e publicadas com o título de *A caminho da linguagem*. Trata-se, pois, de uma época de profunda inovação e de grande entusiasmo em torno de um problema que tradicionalmente ficava à margem das preocupações filosóficas, ou seja, a linguagem. Com as devidas ressalvas, é possível afirmar que esse momento foi tão frutífero como a geração de Sócrates, Platão e Aristóteles na Grécia do século V a. C.

Todo esse complexo movimento de reflexão em torno da linguagem conduziu a filosofia, entre outras coisas, a perceber que a tradicional afirmação de que as questões filosóficas são perenes é parcialmente correta, pois, de acordo com o contexto histórico e cultural, surgem novos desafios e novas inquietações. Com isso, a filosofia no século XX, produziu dois intensos grupos de reflexões. De um lado, buscou redefinir e repensar os postulados tradicionais oriundos da antiguidade²⁰ e da Idade Média²¹. Do outro lado, encarou o desafio de pensar os problemas que realmente são novos e, por isso, exigem novos instrumentos heurísticos do pensamento. Entre esses novos problemas cita-se: a ciência, o método, a técnica e as estruturas externas e internas do sistema frasal.

O giro linguístico como ciência normal

Após expor rapidamente o conceito de giro linguístico e suas atribuições para a filosofia do século XX, passa-se a apresentar o conceito de ciência normal e, por conseguinte, a possibilidade de estar havendo um esgotamento desse giro.

¹⁶ WITTGENSTEIN, L. *Tratado lógico-filosófico*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

¹⁷ AYER, A. J. *Linguagem, verdade e lógica*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

¹⁸ STRAWSON, P. F. *Logico-Linguistic Papers*. London: Methuen, 1957.

¹⁹ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

²⁰ Com relação ao fato da filosofia contemporânea, fundamentada em bases linguísticas, ter procurado repensar os postulados nascidos na antiguidade, recomenda-se consultar: SANTOS, J. G. T. Linguagem e pensamento na filosofia grega clássica. In: *Manuscrito*, UNICAMP, v. 29, 2007, p. 525-550. Com relação a pesquisa, com base nos estudos da linguagem, sobre a obra de importantes autores antigos, como, por exemplo, Platão e Aristóteles, recomenda-se consultar: SANTOS, I. Retorno aos estudos do Crátilo, de Platão. In: MEDEIROS, A. (Org.). *Literatura e linguagem: estudos críticos*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 99-115; DEUS, D. C. A linguagem do ponto de vista platônico. In: *Metavnoia*, São João Del-Rei, n. 4, p. 13-19, jul. 2002; HILLESHEIM, V. A filosofia da linguagem em Platão. In: *Sofia*, ano VII, n 7, 2001/1, p. 245-258; MARTIN, J. A. S. Language, convención y naturaleza en Platón y Aristóteles. In: *Revista de Filosofia*, v. XXXV-XXXVI, México, 1990, p. 127-141; MEDEIROS, P. T. C. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). In: *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 22-33, jan/dez. 1994; PEREIRA, A. *Da filosofia da linguagem no Crátilo de Platão*. Lisboa: Lusofia, 2008; RIBEIRO, A. A. *A filosofia da linguagem em Platão*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

²¹ Com relação ao fato da filosofia contemporânea ter procurado repensar os postulados oriundos da Idade Média, especialmente por meio de estudos linguísticos, recomenda-se consultar: DE BONI, L. A. (Org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995; BEUCHOT, M. *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*. 2 ed. México: UNAM, 1991; KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1982; SANTOS, I. O problema da linguagem em Tomás de Aquino. In: SANTOS, I. (Org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011c, p. 55-66.

Inicialmente, afirma-se que o conceito de *ciência normal* é desenvolvido pelo filósofo da ciência Thomas S. Kuhn no livro *A estrutura das revoluções científicas*²², publicado originalmente em 1962. É preciso esclarecer que Thomas S. Kuhn pensa certas categorias de pensamento, como, por exemplo, paradigma e ciência normal, a partir da dinâmica interna das ciências exatas, notadamente a física e a matemática.

Por causa disso, o presente artigo não é uma apresentação, em si, das ideias de Thomas S. Kuhn. Pelo contrário, parte-se dessas ideias e, logo em seguida, se faz uma rápida aplicação das mesmas ao giro linguístico.

Feito essa importante observação inicial, afirma-se que para Thomas S. Kuhn é preciso ver a ciência num plano mais amplo, ou seja, no plano de rupturas e de revoluções teóricas dentro da ciência. São essas revoluções que trazem algum tipo de resposta aos problemas científicos, mesmo que a resposta seja parcial e incompleta, e, por isso, possibilita algum tipo de avanço no corpo científico. É por isso que ele vê essas revoluções como elementos de ruptura, de quebra, com a tradição. Para ele²³, as “revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada”. Com isso, forçando a “comunidade a rejeitar a teoria científica aceita em favor de outra incompatível com aquela”, sendo que tais “mudanças, juntamente com as controvérsias que quase sempre as acompanham, são características definidoras das revoluções científicas”.

Para Thomas S. Kuhn, as *revoluções científicas* trazem, de um lado, a desagregação ou decadência das teorias científicas que, antes da revolução, eram dominantes e vislumbradas como modernas e vanguardistas. É o que ele vai chamar de *paradigma*. Do outro lado, essas revoluções provocam a emergência de um novo paradigma, o qual substituirá o paradigma anterior. Na análise de Thomas S. Kuhn, a existência de um paradigma é de suma importância. Para ele, isso acontece porque na “ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência têm probabilidade de parecerem igualmente relevantes”²⁴.

Thomas S. Kuhn²⁵ define *paradigma* da seguinte forma: “considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, oferecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.”

Ainda segundo Thomas S. Kuhn, o problema é que nenhum paradigma pode manter o estado de novidade e de revolução permanentemente. Para usar uma metáfora oriunda do universo militar, afirma-se que não é possível manter o estado de guerra eternamente. Por isso, é preciso reformar o Estado, gerar empregos e desmobilizar os soldados. Da mesma forma acontece com a ciência, ou seja, não se pode manter o *status* de novidade e de vanguarda pela eternidade. É preciso ensinar a ciência, formar professores, funcionários públicos e outras estruturas da sociedade. Com isso, o *status* de novidade se perde para aquilo que o próprio Kuhn vai definir como *ciência normal*. Sobre a ciência normal, Kuhn²⁶ dá o seguinte conceito:

“ciência normal” significa pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconheci-

²² KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

²³ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 25.

²⁴ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 37.

²⁵ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 13.

²⁶ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 29.

das durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.

Para ele, a “maioria dos cientistas, durante toda sua carreira, ocupam-se com operações de limpeza [do paradigma estabelecido]. Elas constituem o que chamo de ciência normal”, sendo que a “ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos. A pesquisa da ciência normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos”²⁷. Por causa disso, a “ciência normal pode avançar sem regras [explícitas] somente enquanto a comunidade científica relevante aceitar sem questões as soluções de problemas específicos já obtidos”²⁸.

Segundo Thomas S. Kuhn, a nova ciência, expressa pelo movimento de vanguarda e de renovação trazido pelo surgimento de um novo paradigma, o qual veio dar algum tipo de solução, mesmo que superficial e passageira, para problemas tradicionais que o antigo paradigma não conseguia resolver; é expressa em livros e artigos inovadores e revolucionários. São textos que provocam grandes debates e até mesmo rupturas na comunidade de intelectuais. Por sua vez, passada a fase inicial, a fase de revolução e vanguarda, esse novo paradigma tende a se acomodar e, por causa disso, passa a produzir um tipo de literatura de manual, uma literatura voltada a fazer propaganda e a divulgar as ideias, métodos e outras questões relacionadas com a dinâmica interna do paradigma. Esse tipo de literatura, uma literatura de propaganda, Thomas S. Kuhn vai chamar de *literatura de manual*. Para ele, esse tipo de literatura “corpo da teoria aceita, ilustra muitas das (ou todas as) suas aplicações bem sucedidas e compara essas aplicações com observações e experiências exemplares”²⁹.

No entanto, apesar desse tipo de literatura estar carregada dos mais altos valores éticos, ela demonstra que, na prática, o paradigma perdeu o seu vigor, o seu caráter de novidade, de vanguarda e de revolução. Ele se transformou em ciência normal e, por isso, precisa ser superado por outro paradigma.

Vamos aplicar a teoria desenvolvida por Thomas S. Kuhn ao giro linguístico.

Nessa aplicação, o giro linguístico, que tem suas origens mais remotas nos séculos XVII e XVIII, ao se consolidar, entre as décadas de 1920 e 1950, seria o novo paradigma que, por meio de vários ângulos, possibilitou a superação do paradigma anterior, que seria o idealismo herdado dos séculos XVIII e XIX e que tinha fortes ligações com a metafísica e a ontologia.

A chamada *geração de ouro* ou então a *geração dos pioneiros*, representada, em grande medida, por pensadores, como, por exemplo, Gottlob Frege, George Edward Moore, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, seria a geração que, numa perspectiva kuhniana, trouxe a vanguarda, a novidade e a revolução para dentro do cenário filosófico que, no início do século XX, estava saturado pela crítica niilista e pelas reflexões oriundas de alguma vertente do idealismo.

Neste sentido, o giro linguístico representou um fôlego novo, um novo oxigênio, para uma forma de pensar, ou seja, a filosofia, que, naquele momento histórico, estava ameaçada de desaparecer porque não conseguia apresentar uma solução aos problemas tradicionais e/ou por não trazer, para dentro do debate intelectual, novos e provocantes problemas. Por isso, o giro linguístico representou um novo paradigma que trouxe para a filosofia novos problemas (linguagem, método, estrutura do sistema frasal, etc) e, ao mesmo tempo, possibilitou ver os problemas antigos e medievais com renovado ardor intelectual.

²⁷ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 04.

²⁸ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 72.

²⁹ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*, op. cit., p. 29.

O problema, como demonstra Thomas S. Kuhn, é que o novo paradigma não pode ser eternamente vanguarda, uma eterna novidade. É preciso consolidar o saber, sedimentar as estruturas do conhecimento. Nesse processo, o paradigma perde seu caráter de vanguarda e se torna ciência normal.

Talvez esse seja o fenômeno que atualmente está acontecendo com o giro linguístico. Após passar por um momento de vanguarda, de inovação e de revolução, o período que compreende as décadas de 1920 a 1950, o giro linguístico lentamente foi se consolidando e, com isso, se transformando em ciência normal. Se, por exemplo, nas décadas citadas falar em estudos da linguagem ou em filosofia da linguagem ordinária causava espanto e controvérsia, hoje esses temas foram incorporados aos debates oficiais dentro das universidades e outros espaços de manifestação da intelectualidade. Hoje em dia os grupos de pesquisas, os programas de pós-graduação, as revistas científicas e outros ambientes de materialização dos debates acadêmicos, já aceitam com bom ânimo os temas de pesquisa que envolvem, de alguma forma, o giro linguístico.

Sem contar a produção de textos e artigos para compor manuais de iniciação e divulgação científica. Como demonstra Kuhn, esses manuais são importantes para a propagação da ciência, mas, paradoxalmente, eles são o sinal de que o paradigma perdeu o seu vigor, o seu caráter de novidade e de vanguarda. Quando um paradigma torna-se digno de ter sua teoria exposta nos manuais de divulgação científica, é sinal que internamente não mais existem grandes conflitos e que os problemas que se propunha a resolver ou foram resolvidos ou então, de alguma forma, foram encaminhados.

No tocante ao giro linguístico, hoje em dia vemos surgir uma grande quantidade de textos produzidos para manuais de divulgação científica. Esses textos têm por missão a popularização e a difusão justamente das ideias e propostas de pesquisas oriundas do giro linguístico. Entre esses textos é possível citar, por exemplo, *Filosofia dos linguistas e teoria do sujeito*³⁰, *Linguística, lógica e filosofia ou como nelas se perder para se encontrar*³¹, *Três caminhos da filosofia da linguagem*³², *Filosofia da linguagem*³³, *Introdução à filosofia da linguagem*³⁴ e *Fundamentos de filosofia da linguagem*³⁵. É preciso esclarecer que não está sendo feita nenhuma crítica ao conteúdo desses textos. Em grande medida, são livros que apresentam, com muita competência, problemas filosóficos oriundos do giro linguístico. O que está sendo feito é apenas apresentar o fenômeno da popularização das ideias, debates e propostas de pesquisas oriundas do giro linguístico.

O problema é que com essa popularização, feita pela literatura de manual, o giro linguístico entrou na fase de divulgação e popularização de suas ideias. Uma fase que, como demonstra Kuhn, indica que o espírito da vanguarda, de ruptura e de mudança já foi acalmado. Por causa disso, ainda na ótica de Kuhn, é vislumbrada a necessidade de uma nova ruptura, de um novo paradigma, que trará novas reflexões para problemas que não foram abordados ou esclarecidos pelo paradigma vigente, que neste caso é o giro linguístico.

³⁰ NORMAND, C. *Filosofia dos linguistas e teoria do sujeito*. In: *Convite à linguagem*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 125-133.

³¹ NORMAND, C. *Linguística, lógica e filosofia ou como nelas se perder para se encontrar*. In: *Convite à linguagem*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 111-124.

³² MARTINS, H. *Três caminhos da filosofia da linguagem*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2007.

³³ COSTA, C. *Filosofia da linguagem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

³⁴ PENCO, C. *Introdução à filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006.

³⁵ PONZIO, A.; CALEFATO, P.; PATRILLI, S. *Fundamentos de filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Sem contar que no final do século XX e especificamente na primeira década do século XXI a produção em torno dos temas que envolvem o giro linguístico perdeu o seu caráter de inovação e de polêmica. Todavia, não se pode negar que a linguagem e as demais questões que gravitam em torno desse relevante problema filosófico, continuam sendo um tema de suma importância, o qual provoca grande dispêndio de energia por parte dos círculos de filósofos. Um bom exemplo disso é a pesquisa desenvolvida pelos membros do Circulo de Oxford, especificamente John L. Austin³⁶ e John R. Searle³⁷, e por parte Paul H. Grice³⁸ sobre a linguagem.

Apesar disso a produção filosófica realmente inovadora sobre as temáticas que envolvem os estudos da linguagem tem diminuído. Em grande medida, a produção intelectual que envolve os temas do giro linguístico tem se dedicado, nas últimas décadas, a comentar, a realizar um levantamento histórico ou então a buscar encontrar algum tema exótico que seja pouco explorado dentro do giro linguístico. Nesse processo, o giro linguístico se transforma em ciência normal e, por causa disso, perde seu caráter de inovação.

O que se procurou apresentar nesse artigo, de forma simples e até mesmo esquemática, é a possibilidade do giro linguístico ser visto, pela comunidade filosófica, como sendo um paradigma, da forma como é descrito por Thomas S. Kuhn, da filosofia do século XX. Na primeira metade do século XX o giro linguístico foi um paradigma filosófico inovador, questionador da tradição metafísica e que trouxe, para dentro da filosofia, a dimensão da vanguarda e da revolução das ideias. Já no final do século XX e especificamente na primeira década do século XXI, o giro linguístico passou por um processo de sedimentação e de acomodação. Segundo Thomas S. Kuhn, esse processo é normal, pois nenhuma teoria ou corrente de pensamento pode manter seu caráter de vanguarda e de revolução permanentemente. Por causa disso, numa leitura kuhniana, o giro linguístico se transformou em ciência normal e o conteúdo de seus debates e propostas de análise linguística passou a ser transmitido por meio de manuais especializados. Manuais que, por sua vez, tem por missão a população do conjunto das propostas e das ideias oriundas do giro linguístico.

O que este artigo deseja é apenas, e somente isso, levantar essa possibilidade. No entanto, se tal raciocínio estiver correto também é possível que o giro linguístico esteja vivo, nos dias atuais, um momento de esgotamento de suas discussões. Se isso for verdade, ele realmente perdeu seu caráter de vanguarda e de inovação. Por causa disso, ele vive um momento de transmissão e de popularização dos seus debates, mas sem conseguir produzir alguma teoria ou ideia que seja realmente inovadora. Nessa condição, numa perspectiva kuhniana, o giro linguístico vive um momento que antecede a crise do paradigma e, logo em seguida, a sua superação e substituição por outro paradigma. Será que o século XXI vai conseguir produzir um paradigma filosófico que substitua o giro linguístico?

Por fim, afirma-se que a possibilidade que foi levantada neste artigo, de forma muito introdutória, ou seja, do esgotamento do giro linguístico, é um tema que precisa

³⁶ Sobre a pesquisa em torno da linguagem desenvolvida por John L. Austin, recomenda-se consultar: AUSTIN, J. L. *Philosophical papers*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

³⁷ Sobre a investigação filosófica de John R. Searle sobre a linguagem, recomenda-se consultar: SEARLE, J. R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981; SEARLE, J. R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos Atos da Fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995; SEARLE, J. R. *Mente, linguagem e sociedade: Filosofia no mundo real*. São Paulo: Rocco, 2000; SEARLE, J. R. *Consciência e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

³⁸ Sobre a pesquisa linguística de Paul H. Grice, recomenda-se consultar: GRICE, H. Paul. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, M. (Org.). *Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística*. Campinas: Ed. do Autor, 1982; GRICE, H. Paul. *Studies in the way of words*. Cambridge: MA: Harvard University Press, 1991.

ser estudado e investigado, de forma mais acurada, pela comunidade filosófica. Em todo caso, apenas a título de provocação filosófica, ficam as perguntas em aberto: O século XXI irá produzir outro modelo filosófico que seja tão ou mais influente que o giro linguístico? O giro linguístico está esgotado? Ou o giro linguístico passará, no século XXI, por uma nova fase de vanguarda e de renovação dos debates filosóficos?

Referências:

ARAÚJO, I. L. A natureza do conhecimento após a virada linguístico-pragmática. In: *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 16, n. 18, p. 103-137, jan/jun. 2004.

AUSTIN, J. L. *Philosophical papers*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

AYER, A. J. *Linguagem, verdade e lógica*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

BENSUSAN, H. O mundo não é só uma paisagem de atualidades: umas viradas metafísicas e o exorcismo da herança humeana. In: *Trilhas Filosóficas*, Ano II, número 1, jan.-jun. 2009, p. 115-128.

BEUCHOT, M. *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*. 2 ed. México: UNAM, 1991.

COSTA, C. *Filosofia da linguagem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DE BONI, L. A. (Org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

DEUS, D. C. A linguagem do ponto de vista platônico. In: *Metavnoia*, São João Del-Rei, n. 4, p. 13-19, jul. 2002.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAMBOA, S. S. Reações ao giro linguístico: o "giro ontológico" ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem. In: *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 15. E 2. 2007, Recife. Anais... Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística*. Campinas: Ed. do Autor, 1982.

GRICE, H. Paul. *Studies in the way of words*. Cambridge: MA: Harvard University Press, 1991.

HACKING, I. *Por que a linguagem interessa a filosofia?* São Paulo: Unesp, 1999.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HILLESHEIM, V. A filosofia da linguagem em Platão. In: *Sofia*, ano VII, n 7, 2001/1, p. 245-258.

KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1982.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1967.

- MARTIN, J. A. S. Language, convención y naturaleza en Platón y Aristóteles. In: *Revista de Filosofia*, v. XXXV-XXXVI, México, 1990, p. 127-141.
- MARTINS, H. Três caminhos da filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2007.
- MEDEIROS, P. T. C. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). In: *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 22-33, jan/dez. 1994.
- MOUNIN, G. *A linguística do século XX*. Lisboa: Presença, 1973.
- NORMAND, C. Filosofia dos linguistas e teoria do sujeito. In: *Convite à linguagem*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 125-133.
- NORMAND, C. Linguística, lógica e filosofia ou como nelas se perder para se encontrar. In: *Convite à linguagem*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 111-124.
- NOYS, B. A virada ontológica na filosofia contemporânea. Pucrs: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2011.
- OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PENCO, C. *Introdução à filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PEREIRA, A. *Da filosofia da linguagem no Crátilo de Platão*. Lisboa: Lusofia, 2008;
- RIBEIRO, A. A. *A filosofia da linguagem em Platão*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.
- PONZIO, A.; CALEFATO, P.; PATRILLI, S. *Fundamentos de filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RICOEUR, P. *Da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RORTY, R. *El giro linguístico*. Madri: Paidós, 1990.
- SANTOS, I. O problema da linguagem em Tomás de Aquino. In: SANTOS, I. (Org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011, p. 55-66.
- SANTOS, I. Retorno aos estudos do Crátilo, de Platão. In: MEDEIROS, A. (Org.). *Literatura e linguagem: estudos críticos*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 99-115.
- SANTOS, J. G. T. Linguagem e pensamento na filosofia grega clássica. In: *Manuscrito*, UNICAMP, v. 29, 2007, p. 525-550.
- SEARLE, J. R. *Consciência e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SEARLE, J. R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos Atos da Fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SEARLE, J. R. *Mente, linguagem e sociedade: Filosofia no mundo real*. São Paulo: Rocco, 2000.
- SEARLE, J. R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.
- SIMON, J. *Filosofia da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- STRAWSON, P. F. *Logico-Linguistic Papers*. London: Methuen, 1957.

WITTGENSTEIN, L. *Tratado lógico-filosófico*. 2 ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

ZILLES, U. Um panorama da filosofia contemporânea. In: *Cultura e Fé*, Porto Alegre, Ano, 35, n. 136, Abril-Junho, 2012, p. 134-135.

Recebido para publicação em 17-09-13; aceito em 22-10-13